

Isabel Maria Fernandes Alves

UTAD

Sob a influência da natureza: do Transcendentalismo à imaginação ambiental. Exemplos de uma viagem americana.

Esta reflexão teve início na leitura de considerações que Leslie Marmon Silko, escritora americana de ascendência ameríndia, teceu a propósito da influência do Transcendentalismo na sociedade dos Estados Unidos.¹ Segundo a autora, os princípios transcendentalistas são essenciais na leitura e interpretação da cultura dos Estados Unidos; para Silko, os imigrantes que chegam a esse novo espaço iniciam de imediato um processo de mudança, de transformação: “the strangers who come to this continent (...) the longer they live here, the more they are being changed.”² Se esta opinião de Silko permite sublinhar a importância do pensamento transcendentalista e sugerir a existência de relações de proximidade entre a perspectiva ameríndia e o Transcendentalismo, a afirmação da autora relativamente à influência do pensamento transcendental na tradição literária ameríndia não deixa de intensificar uma vertente original, forte e contínua da literatura dos Estados Unidos – aquela que dá conta das relações entre o ser humano e o mundo natural.

Assim, neste trabalho, e partindo da afirmação de Silko, propomos estabelecer uma relação entre o Transcendentalismo, movimento literário e estético que se afirmou no século dezanove na América, e a imaginação ambiental. Este último conceito é desenvolvido por Lawrence Buell; num estudo de 1995, sublinha que um texto vive de

¹ Sempre que no texto surge a expressão ‘América’, ‘americana/o’, referimo-nos aos Estados Unidos e aos seus habitantes.

² Ellen Arnold, *Conversations with Leslie Marmon Silko* (Jackson: University Press of Mississippi, 2000), p.180.

imaginação ambiental i) se o mundo não humano não surge apenas como residual, mas enquanto presença forte sugerindo que a história humana e a história natural estão interrelacionadas; ii) se a perspectiva veiculada tem em conta outros interesses e outros habitats; iii) se o mundo natural representado no texto pressupõe uma atitude ética e iv) se o mundo natural é entendido como um processo onde se entrelaçam mudanças naturais e sociais, admitindo a sua correlação.³ Assim, a imaginação ambiental afirma-se como a capacidade de a literatura articular aquilo que não é apenas estritamente humano – as intrincadas teias que definem o mundo natural –, mas também as relações que o ser humano mantém com esse mundo.

Na contemporaneidade, ecologistas, mas também especialistas de outras áreas do saber, nomeadamente estudiosos da literatura, têm presente que o ser humano vive numa paisagem simbiótica, ou seja, em associação e interdependência com outros organismos. Decorrente da crise ambiental contemporânea, a consciência moderna trouxe uma visão mais clara da necessidade de desdobrar o mundo e de o olharmos de forma atenta, procurando não descurar o que tem estado menos visível. Aldo Leopold, em meados do século XX, propôs uma “Ética da Terra”, uma forma de orientação que alargue a noção de comunidade por forma a incluir nela “os solos, as águas, as plantas e os animais, ou, colectivamente: a terra.” A perspectiva de Leopold assenta na ideia de que o indivíduo “é, de facto, apenas um membro de uma equipa biótica” e que numerosos acontecimentos históricos ganhariam uma outra dimensão e entendimento se fossem entendidos como “interacções bióticas entre as pessoas e a terra”, pois, para Leopold, “as características da terra foram tão determinantes para os acontecimentos como as características dos homens que nela viviam.”⁴ Assim, Transcendentalismo e imaginação ambiental têm em comum

³ Lawrence Buell, *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture* (Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press), pp. 7-8.

⁴ Aldo Leopold, *Pensar como Uma Montanha* (Águas Santas: Edições Sempre-em-Pé, 2008), pp.190-191.

uma percepção da natureza como um universo carregado de sentidos, um universo “beyond itself.”⁵

O repensar as relações entre ser humano e mundo natural encontrou na ecocrítica, isto é, na resposta dos estudos literários à consciência ecológica do nosso tempo, um campo de discussão onde se reforça a ideia de que se a representação da natureza vive da influência de outros textos é também valioso perceber que o mundo não humano influencia a cultura, o texto, a personalidade de cada um dos indivíduos, ou seja, que a cultura humana e o mundo natural se encontram indissociavelmente relacionados.⁶ As palavras de Joseph Meeker ajudam a entender o âmago das questões colocadas pela ecocrítica:

if the creation of literature is an important characteristic of the human species, it should be examined carefully and honestly to discover its influence upon human behavior and the natural environment – to determine what role, if any, it plays in the welfare and survival of mankind and what insight it offers into human relationships with other species and with the world around us. Is it an activity which adapts us better to the world or one which estranges us from it? ...does literature contribute more to our survival than it does to our extinction?⁷

É necessário reforçar, contudo, que esta vertente dos estudos literários, que teve início nos Estados Unidos na década de oitenta e

⁵ John, Gatta, *Making Nature Sacred: Literature, Religion, and Environment in America from the Puritans to the Present* (Oxford: Oxford UP, 2004), p.6.

⁶ O termo ‘ecocriticism’ aparece pela primeira vez no texto “Literature and Ecology: an Experiment in Ecocriticism”, de William L.Rueckert, 1978. Cheryll Glotfelty, por seu lado, oferece a seguinte definição: “Ecocriticism takes as its subject the interconnections between the material world and human culture, specifically the cultural artifacts language and literature...literary theory, in general, examines the relations between writers, texts, and the world. While in most literary theory ‘the world’ is synonymous with society – the social sphere – ecocriticism expands the notion of ‘the world’ to include the entire ecosphere”. Cheryll Glotfelty, “Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis”, Cheryll Glotfelty and Harold Fromm (eds.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology* (Athens and London: The University of Georgia Press), p.1.

⁷ *Apud* Glen Love, “Revaluing Nature: Toward and Ecological Criticism”, Cheryll Glotfelty and Harold Fromm (eds.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology* (Athens and London: The University of Georgia Press), p.228.

que atualmente tem um lugar destacado em muitas universidades do mundo, colheu uma maior visibilidade acadêmica e social devido à crise ecológica contemporânea.

Decorrente de uma desvinculação do ser humano em relação à natureza durante todo o século XX, e das consequências que tal afastamento tem tido ao nível da devastação dos ecossistemas e da vida humana, surgiram, nas últimas décadas do século passado, manifestações de vária ordem com o objectivo de chamar a atenção para as transformações negativas que tal separação pressupõe. Por seu lado, a literatura, operando ao nível da consciência, possibilita o acesso aos locais mais recônditos da alma humana – aos impulsos, desejos e medos mais profundos. Daí que a nova corrente crítica pretenda focalizar a sua atenção naquilo que, por um lado, poderá ajudar a entender as razões da desvinculação do ser humano com a natureza e, por outro lado, iluminar o modo como as palavras reforçam as ínfimas ligações entre a natureza e os indivíduos. A ecocrítica é, pois, uma forma de as Humanidades não ficarem de fora da tentativa de resolução da crise ambiental que afecta o nosso tempo. É, além do mais, uma forma de afirmar a necessidade de se reinventar o diálogo com o mundo natural, pois se os problemas ambientais pressupõem a existência de uma crise da imaginação, a solução passará também por novas formas de imaginar a natureza e a relação do ser humano com ela.

Como foi referido, a ecocrítica visa operar uma modificação ao nível da consciência humana, de modo que seja criada uma nova perspectiva, uma nova compreensão da relação humana com a natureza e com o mundo. Deste ângulo, a ecocrítica pode ser entendida como uma forma de ativismo ambiental, mas, sobretudo, como um meio de ativar as consciências relativamente ao facto de, no centro da crise ambiental, morar a separação entre o ser humano e a natureza. Os textos literários, permitindo alcançar a riqueza das paisagens interiores da alma, da imaginação e das emoções, são o contraponto à degradação e ao empobrecimento das paisagens exteriores nossas contemporâneas. A literatura é pois um espaço onde, a par de uma inovação linguística, a riqueza e a diversidade biótica surgem reinventadas e reimaginadas. No artigo “Ambiente e Linguagem”, Joaquim Cerqueira Gonçalves lembra: “enquanto a ciência e a linguagem científica reduzem a realidade a um

valor, que tende a ser único, erigido, ao menos provisoriamente, em utopia, afastando outras possibilidades e interpretações não unívocas, a linguagem natural e a sua privilegiada expressão, a literatura, são um processo em aberto, acolhendo e estimulando novas e múltiplas interpretações, possibilitadas pelo tempo, precisamente para valorizar, cada vez mais, a realidade e ampliar, por isso mesmo o seu sentido.”⁸ A promoção da biologia e da ética ocorre paralelamente a um crescimento da diversidade cultural e, por isso, trata-se agora de “dinamizar a linguagem natural (...) porque nela crescerá também o sentido do mundo, dos valores e do bem. É que a intencionalidade da linguagem, tal como as figuras estruturantes dela, em vez de algemar as coisas com um sentido único, como sucede com a linguagem científica, abre-lhes horizontes de possibilidades múltiplas, que a ciência ajuda a realizar em cada momento e na configuração histórica de cada cultura.”⁹

Neste sentido, a ecocrítica promove a ideia de que a linguagem literária nos devolve (a) o mundo físico; apenas se tem de cultivar a atenção, algo que o Transcendentalismo promoveu também – uma construção relacional do mundo, propondo uma nova e vital relação entre o ser humano e a natureza. Inspirado no idealismo Kantiano, o Transcendentalismo revela influências do cristianismo, do orientalismo e do platonismo, sendo o âmago do seu pensamento a procura da essência do homem e da natureza. Os transcendentalistas valorizam, acima de tudo, uma dimensão espiritual do universo: “the transcendentalist adopts the whole connection of spiritual doctrine. He believes in miracle, in the perpetual openness of the human mind to new influx of light and power; he believes in inspiration and in ecstasy.”¹⁰ Neste contexto, a paisagem deixa de ser apenas ‘o outro’, algo fora do indivíduo para revelar valores pessoais e éticos, cultivando-se uma generalizada empatia para com o mundo natural. Cultiva-se, além do mais, uma intensa abertura ao mundo, um acentuar do domínio do sentimento, aspectos que tornam o

⁸ Joaquim Gonçalves, “Ambiente e Linguagem”, in Cristina Beckert (coord.), *Natureza e Ambiente: Representações na Cultura Portuguesa* (Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2001), p. 17.

⁹ Joaquim Gonçalves, “Ambiente e Linguagem”, p.18.

¹⁰ Ralph Waldo Emerson, “The Transcendentalist”, Larzer Ziff (ed), *Selected Essays* (Harmondsworth: penguin Books, 1985), p. 243.

observador vulnerável à beleza e às interrelações existentes no mundo. À análise pormenorizada da natureza, o transcendentalista acrescenta uma tendência para revestir de sentido aquilo que vê, resultando deste processo uma resposta singular e pessoal à natureza. Por outro lado, e paralelamente, os transcendentalistas esforçaram-se por tornar clara a sua crítica ao capitalismo e às forças cegas da industrialização e mecanização que vêm na natureza um bem com fins apenas comerciais. Como já referido, o Transcendentalismo, tal foi como preconizado pelos valores estético-literários do Romantismo europeu, investiu as montanhas, as florestas, os rios do Novo Mundo de uma carga espiritual, neles vendo também uma fonte de realização pessoal.

Contra a voz do seu tempo, os transcendentalistas propunham-se sublinhar uma escrita dedicada à natureza e aos homens e mulheres que aceitavam a sua beleza, a sua força, os seus ritmos e ciclos. Enunciado desta forma, torna-se perceptível o ponto de contacto entre Transcendentalismo e imaginação ambiental – ambas as perspectivas enaltecem respeito pela natureza e uma conseqüente humildade na abordagem ao mundo natural. Ambas as perspectivas veiculam a necessidade de diálogo. Tornarmo-nos disponíveis ao diálogo com a natureza é promover também a relação com o humano, daí ser necessário reinventar e projectar narrativas que acentuem o valor das interrelações entre todos os sistemas vivos.

Num artigo sobre as relações entre Mikhail Bakhtin e a perspectiva ecológica, Michael McDowell recorda que o século XX viu a certeza e o absoluto serem substituídos pela teoria da relatividade de Einstein, pela mecânica quântica, pelo princípio da incerteza de Heisenberg, pela teoria do caos e pela ecologia. Segundo McDowell, os princípios literários bakhtinianos podem ser vistos como próximos da ecologia, a ciência das inter-relações, pois para Bakhtin a melhor forma de representar a realidade é precisamente através da interação de diferentes vozes, da intertextualidade, da pluridiscursividade. Assim, o texto torna-se um espaço aberto onde todos os elementos dialogam entre si; nele não se fazendo sentir apenas a voz do narrador mas de outras vozes que aí confluem, nomeadamente elementos do mundo natural, pois estes fazem parte de tudo aquilo que define a personagem, ajudando a defini-la. Refere McDowell que os melhores escritores da paisagem são

aqueles que abandonam o seu ego, a sua existência pessoal, e se fundem com a paisagem, deixando de lado o contorno definido da voz humana e criam um espaço de inclusão onde outras vozes se fazem ouvir: “It is Bakhtin’s theory of the ‘carnivalistic’ tendency to talk back to the monologic voice of officialdom that leads such landscapes writers as Thoreau, Jeffers, and Silko to a pluralistic, diverse, and hence potentially more accurate representation of a natural landscape”.¹¹ Com a ideia de dialogismo está, pois, relacionada a elasticidade do acto imaginativo, a intertextualidade e a valorização do carácter híbrido dos textos. A escrita que se debruça sobre a natureza, sobre as inter-relações entre os diferentes organismos que constituem o mundo natural, tende, pois, a ser muito mais indeterminada, flexível, aberta “ao diálogo contínuo”: “The tentativeness and the willingness to be taught by the ways of the natural world, two qualities typical to landscape writing, combine with this ‘open-endedness’ to suggest not only a sense of the writer’s humility but also an ethical stance that recognizes that no individual and no era have a monopoly on truth.”¹² Quer para os transcendentalistas no século XIX, quer para os autores contemporâneos que neles beberam uma leitura da natureza, o importante é que o autor/narrador reconheça o valor intrínseco dos ecossistemas, entendendo-se como membro “de uma comunidade de partes interdependentes.”¹³

II

Se nos parágrafos anteriores procurámos aproximar e correlacionar Transcendentalismo e ecocrítica, uma segunda parte do nosso trabalho pretende articulá-los com a sociedade, a cultura e a literatura dos Estados Unidos. E desde o primeiro momento queremos afirmar a nossa opção pela perspectiva que entende a literatura norte-americana como uma confluência de culturas e de textos, o que a torna um lugar privilegiado de diversidade, do pluralismo e do multiculturalismo. A tradição

¹¹ Michael J. McDowell, “The Bakhtinian Road to Ecological Insight”, Cheryl Glotfelty and Harold Fromm (eds.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology* (Athens and London: The University of Georgia Press), p. 380.

¹² Michael J. McDowell, p.376.

¹³ Aldo Leopold, p.190.

literária americana é definida “pela constante incorporação de escritas que contribuem para a dilatação de fronteiras entre categorizações literárias”¹⁴ ou, de outro modo, e ainda nas palavras de Carlos Azevedo, “o espaço americano – o todo – marca e transforma (...) a parte, o outro, ajudando à visão da América como uma nação que constantemente se faz, (re)descobre e projecta de novo.”¹⁵ Na base da literatura dos Estados Unidos está, pois, a ideia de fluidez, de encontros entre culturas que se alteram e influenciam mutuamente. A corroborar esta ideia, as palavras de Richard Gray: “a story of encounters between cultures that leaves both sides altered. If there is one truth in the history of American writing, it is the truth of process and plurality. The American writer has to write in and of a world of permeable borders and change.”¹⁶ Consequentemente, a existir uma linha de continuidade dentro da literatura americana ela está associada à ideia de processo e pluralidade, pois o autor americano escreve dentro e sobre um mundo de fronteiras permeáveis, transformáveis.

É neste contexto de influência e permeabilidade que a literatura dos Estados Unidos adquire a sua independência literária, uma independência que o texto “Nature” de Ralph Waldo Emerson, publicado em 1836, ajuda a forjar. A mensagem desse texto é clara: se o povo dos Estados Unidos pretende voltar as costas à influência europeia, projectando uma nova nação e novos princípios, terá de olhar e valorizar aquilo que lhe é próprio, começando, precisamente, pela constatação da enorme riqueza que constitui o seu mundo natural. A ideia de natureza é pois essencial na definição do imaginário americano, encontrando, desde logo, uma justificação na excepcionalidade do mundo natural: a vastidão, a beleza, a variedade de habitats, as matérias-primas, a acessibilidade, e, sobretudo, o esparso povoamento humano, aspectos que vincam a justa designação, “Nature’s Nation”, enunciada por Perry Miller, e que descreve não só a singularidade da jovem nação mas, adicionalmente, a

¹⁴ Carlos Azevedo, “Indentidade Intercultural e Descentramento do(s) Cânone(s): *The Woman Warrior: Memoirs of a Girlhood Amongst Ghosts*, de Maxine H. Kingston” (*Revista da Faculdade de Letras* “Linguas e Literaturas”, Porto, XVIII, 2001), p.276.

¹⁵ Carlos Azevedo, p. 268.

¹⁶ Richard, Gray, *A History of American Literature* (Oxford: Blackwell, 2004), p.3.

força que a associação natureza/América/Estados Unidos ainda mantém na sociedade contemporânea.¹⁷ Como salienta Leo Marx, continua a verificar-se que é através de encontros com os fenómenos naturais que a consciência individual americana melhor se define. Perante uma nova paisagem, forjam-se um novo ser e uma nova linguagem, numa íntima interdependência e simbiose. Para Leo Marx é, no entanto, a capacidade de investir a natureza com um sentido metafísico a verdadeira marca legada pelo Novo Mundo ao mundo. Ali, a natureza é um “objecto de devoção”, representando valores intemporais.

Henry David Thoreau, discípulo de Emerson, e fazendo também parte do grupo dos transcendentalistas, leva muito a sério a ideia de desenvolver uma relação de empatia com a natureza, daí decorrendo o seu isolamento, durante cerca de dois anos, numa cabana, observando, estudando e anotando os fenómenos da natureza circundante. Dessa experiência, nasce *Walden*, 1854, obra fundamental de uma tradição de escrita sobre a natureza que tem vindo a criar um lugar importante na tradição literária americana. Esta é uma obra essencial quando se trata de estudar a relação entre a literatura dos Estados Unidos e os valores ambientais. Como refere Lawrence Buell, Thoreau é um exemplo de auto-educação ambiental, pois partindo de pressupostos eurocênticos, consegue alcançar uma visão ambientalmente reponsável, holística, aberta e plural.¹⁸

Henry David Thoreau é um exemplo da força do transcendentalismo nos Estados Unidos. Embora Emerson tenha teorizado sobre o modo como a natureza se afirma uma entidade ideal, e cujo significado total transcende a concretude dos seus organismos constituintes, Thoreau vive a natureza a partir da experiência. Influenciado por Alexander Humboldt (1769-1859) e pela sua visão holística da terra, Thoreau insere o homem num espaço não só cultural, mas também natural, relativizando, embora por vezes veladamente, a visão eurocêntrica. Thoreau, tal como Humboldt, tece a ideia de natureza com base na

¹⁷ Leo Marx, “The Pandering Landscape: On American Nature as Illusion”, Hans Bak and Walter Hölbling (eds), *Nature's Nation' Revisited. American Concepts of Nature from wonder to Ecological Crisis* (Amesterdam: Vu University Press, 2003), p.41.

¹⁸ Lawrence Buell, p. 23.

experiência e a partir de uma visão espiritual do mundo natural: “A poeticidade tem de provir de uma relação pressentida entre o sensual e o espiritual, tem de provir do sentimento de amplidão, da delimitação recíproca e da unidade de vida natural.”¹⁹ Decidido a viver deliberadamente, Henry David Thoreau abandona a sociedade dos homens e constrói para si – literal e simbolicamente – uma casa na natureza. Incorporou a filosofia de Emerson e por isso vê-se como parte de uma teia simbiótica, onde o ser humano, a natureza e Deus fazem parte da ideia de Criação. Aliada a esta concepção da natureza, Thoreau forja para si um vasto conhecimento na área da história natural, descrevendo, medindo, registando diferentes organismos e processos no decorrer dos seus múltiplos périplos pela região de Walden. Para este autor, tal como para os transcendentalistas, a anotação pormenorizada tinha como objectivo não apenas o conhecimento real de um local, mas também a realização de um inventário sobre as inter-relações entre o espírito humano e o mundo natural : “Every natural fact is a symbol of some spiritual fact”, afirma Emerson em “Nature”. E Thoreau procura, a partir da história natural, fazer sobressair o rosto da paisagem que para ele é também a face visível do divino. Esta matriz essencial do pensamento transcendentalista está na base daquilo que de mais forte caracteriza a América – o entendimento de que, tal como a natureza, é possível a esta nação renascer cíclica e perpetuamente; no dizer de Maria I R Sousa Santos, um renascer que é simultaneamente espiritual e temporal, individual e colectivo, pessoal e nacional.²⁰

A visão da natureza como entidade divina veiculada pelos transcendentalistas mantém, por seu lado, uma relação direta com a preocupação dos escritores contemporâneos relativamente aos ecossistemas em perigo. O legado deste movimento literário e estético do século XIX é enorme; hoje, tal como então, a literatura americana continua permeável a noções como ‘organismo’, comunidade’ e fluxo’, e o ser humano é entendido como parte de um todo orgânico e de uma

¹⁹ Alexander von Humboldt, *Pinturas da Natureza: uma antologia*. Trad. Gabriela Fragoso (Lisboa: Assírio & Alvim, 2007), p. 199.

²⁰ Maria Irene R. de Sousa Santos, “‘The City upon a Hill’: Destino e Missão na Literatura Americana”, *O imaginário da Cidade* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989), p.289.

comunidade mais alargada. Daí que poetas como Mary Oliver e Gary Snyder, por exemplo, mantenham viva a ideia da experiência da vida humana como algo que tem raízes em primeiro lugar no diálogo com as circunstâncias materiais da natureza e, também, que a essência da crítica ambiental reside na proposta de que o mundo possa ser concebido como algo enraizado tanto em circunstâncias materiais naturais como em forças psicológicas. Já se referiu a importância da “ética da terra” preconizada por Aldo Leopold em meados do século XX, mas poder-se-ia igualmente apontar o pensamento de Wendell Berry. Em *The Unsettling of America: Culture and Agriculture*, insiste na ideia de que cultivar o espírito humano – actividade que ele vê como análoga ao do cultivo da terra – está intrinsecamente dependente da qualidade da terra. Ou seja, do valor que lhe é conferido. A terra não deve ser entendida apenas como mercadoria mas algo complexo e vital; segundo Berry, é necessário desenvolver novas atitudes para com o mundo natural, sendo urgente atuar sobre a consciência, pois o indivíduo faz parte de uma comunidade que vive da interdependência.

Na entrevista citada no início deste trabalho, Leslie Marmon Silko afirma que a relação da obra de Whitman e Thoreau com a terra e os animais é um sinal de que este ‘continente’ altera o olhar de quem cá chega, algo que, segundo Silko, é o concretizar de velhas profecias: “the Europeans come to this land, and the old prophecies say, not that the Europeans will disappear, but purely European way of looking at this place and relationships.”²¹ Para Silko, exemplo dessa mudança – e das raízes contemporâneas do Transcendentalismo – é o movimento ecológico (ainda que, como assinala Silko, muito do ambientalismo seja já uma arma do capitalismo). Para esta autora, este é o tempo onde existe uma consciência mais aguda dos elos de ligação entre o eu e a natureza, uma maior consciência de que plantas, animais e terra formam uma unidade holística. Em seu entender, e central para a nossa proposta, é que a preocupação ecológica contemporânea nos Estados Unidos encontra raízes no Transcendentalismo (e, como fica implícito também, na própria tradição ameríndia). Como salienta Barbara Novak,

²¹ Ellen Arnold, *Conversations with Leslie Marmon Silko* (Jackson: University Press of Mississippi, 2000), p.180.

alguns aspectos da espiritualidade ameríndia relacionam –se quer com o pensamento transcendentalista, quer com a moderna imaginação ambiental.²² Todos procuram, afinal, um ‘eu’ em inter-relação com a natureza e com o sagrado, uma relação com a terra que tenha por base a adequação – “appropriateness” – ao seu meio, o que pressupõe uma atitude de humildade e de respeito. O ameríndio não se vê como entidade ‘fora’ da natureza, pelo contrário, a natureza é um elemento no qual ele próprio existe e se funde. Tão mais interessante este aspecto se afigura quanto Leslie Marmon Silko diz que o âmago da sua arte são as relações: “What I write about and what I’m concerned about are relationships.”²³ Por isso aponta também para a artificialidade de barreiras, de linhas divisórias entre pessoas, entre pessoas e países, entre pessoas e a natureza, e daí que para esta autora a missão dos nossos dias seja a de reivindicar a velha relação com o mundo natural, e de uns com os outros, de um refazer de histórias antigas dentro de uma nova perspectiva que reconhece e valoriza a interdependência de todos os sistemas vivos. Esta é também a posição de Lawrence Buell pois que, afirma, a ecocrítica tornou-o consciente da quase impossibilidade de reduzir quer as vidas humanas quer as obras criativas a uma raiz tão só nacional. Na sua perspectiva, os estudos literários e culturais terão, no futuro, como unidades principais de estudo as bioregiões mais do que a ideia jurisdicional de região ou nação. Reconhecendo embora que a imaginação ambiental vive de cambiantes nacionais, específicas, Buell deseja, no entanto, impulsionar a ideia de que a ecocrítica deve promover a comparação, o estudo das similitudes, dos pontos de contacto mais do que espelhar as diferenças ou o carácter excepcional de certas tradições literárias.²⁴ Uma opinião que terá nascido de uma aproximação ao pensamento transcendentalista e expandida, depois, pelos objectivos a que a ecocrítica se propõe.

²² Barbara Novak, *Voyages of the Self: Pairs, Parallels, and Patterns in American Art and Literature* (Oxford: Oxford University Press, 2007), p. 50.

²³ Ellen Arnold, *Conversations with Leslie Marmon Silko* (Jackson: University Press of Mississippi, 2000), p.26.

²⁴ Lawrence Buell, *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture* (Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press), p. 50.

Como referido, o Transcendentalismo privilegia a noção de unidade com o universo, ideia que ressurgiu agora através da imaginação ambiental, reforçando-se a convicção de que o ser humano deve manter e dilatar o diálogo com o mundo natural, e que a observação atenta da natureza – e a leitura dos autores que convidam o leitor nesta direção – pode conduzir a um respeito pela vida e por algo que, começando embora na natureza, leve o ser humano para fora de si mesmo; algo que os versos de Mary Oliver sintetizam: “Have you ever tried to enter the long black branches of other lives – / tried to imagine what the crisp fringes, full of honey, hanging / from the branches of the young locust trees, in early summer, feel like?”²⁵

De acordo com o exposto, a imaginação ambiental na América encontra no Transcendentalismo um meio de aprofundar e alargar a empatia para com a natureza, cultivar uma ética da terra e consolidar os ideais da reciprocidade.

²⁵ Mary Oliver, *New and Selected Poems*. Volume Two (Boston: Beacon Press 2005), p.141.